



Solidariedade seletiva? Fluxo de refugiados sírios e ucranianos para a União Europeia entre 2015 e 2022

Bruno Mendelski

Resumo: Investiga-se, de modo comparado, a resposta da União Europeia às crises de refugiados sírios (2015) e ucranianos (2022). Examina-se: (i) o papel da opinião pública dos países europeus; (ii) medidas adotadas pelo bloco no contexto dos dois fluxos de refugiados; (iii) número de asilos concedidos a sírios e ucranianos. Essas variáveis são estudadas através dos conceitos de *imigrantes indesejados* e *desejados*. A hipótese levantada - existência de diferença significativa de tratamento aos sírios e ucranianos, com os primeiros vistos como *indesejados* e os segundos como *desejados*, é confirmada pelos dados e pela análise. Como evidências cita-se (i) o número de asilos concedidos (91% para ucranianos x 43% aos sírios); (ii) a política de fronteiras abertas e concessão automática de asilo para ucranianos x fechamento e militarização de fronteiras, detenções e deportações de sírios. Também se descobriu uma relação entre o posicionamento da opinião pública e o quantitativo de refugiados aceitos nos países.

Palavras-chave: União Europeia; Migrações; Refúgio; Minorias e territorialidades; Síria; Ucrânia, Identidade

1. Introdução

Está na pauta das discussões contemporâneas, o deslocamento internacional de pessoas que fogem de conflitos, perseguições, catástrofes, miséria, etc. Nos últimos dez anos, a Europa experienciou duas ondas migratórias, que em sua extensão, só encontram paralelo nas movimentações de indivíduos geradas pela Segunda Guerra Mundial: a crise de refugiados sírios (2015) e de ucranianos (2022).

Em virtude de sua dimensão, os dois fluxos de refugiados exigiram uma efetiva resposta por parte da União Europeia (UE), afinal tratam-se de milhões de pessoas, em situação de grande vulnerabilidade, que ingressam em territórios distintos dos seus. Dito isso, o presente trabalho, tem como problema de pesquisa a seguinte questão: "há diferença de tratamento dos países da União Europeia frente a onda de refugiados sírio (2015) e ucranianos (2022)?"

Como hipótese, parte-se do pressuposto que existe uma distinção significativa no modo como os refugiados sírios e ucranianos são recebidos no território da UE¹. Os primeiros enfrentam restrições, tratamento adverso e desconfiança, ao passo que os segundos obtêm significativas facilidades em seu processo de refúgio, além de gozarem de notável simpatia por parte das nações europeias. O tratamento diferenciado empreendido pelos países europeus diante dos fluxos de refugiados sírios e ucranianos pode ser explicado à luz dos conceitos de *imigrante desejado e indesejado* (FIGUEIREDO, 2020).

Em outras palavras, os refugiados ucranianos são percebidos como parte do “eu” europeu, ou seja, indivíduos que compartilham marcadores como pertencimento geográfico (Europa) e identitários (brancos, cristãos, civilizados), e dessa forma, merecedores de amparo e *desejados*. Já os sírios e demais indivíduos oriundos do Oriente Médio, são concebidos como o “outro”, integrantes de localidades distantes e com identidades antagônicas a europeia (muçulmanos e bárbaros), e com isso, indignos de acolhimento, e assim, *indesejados*.

De modo a tentar responder o problema de pesquisa e corroborar ou refutar a hipótese levantada, o artigo divide-se em cinco seções, além desta Introdução. Inicialmente são expostas e discutidas a metodologia e o referencial teórico. Em seguida, ocorre a discussão da percepção europeia sobre os imigrantes. Posteriormente, são analisadas as ondas de refugiados sírio e ucraniana na Europa. A seção cinco analisa os resultados da pesquisa, e a sexta, traz as considerações finais.

2. Metodologia e marco teórico

Metodologicamente, a pesquisa emprega o método comparado. Assim, se estuda dois fenômenos distintos (fluxos de refugiados sírios e ucranianos), que ocorreram em um mesmo espaço geográfico (território da UE). A comparação adotada neste trabalho, também se ampara em três dos quatro objetivos deste método segundo Landman (2003): 1) Fornecer uma *descrição contextual* dos países da UE; 2) Desenvolver uma *classificação* conceituais das nações do bloco europeu frente ao número de refugiados acolhidos; 3) Buscar os fatores que ajudam a explicar aquilo que foi *descrito* e *classificado*, ou seja, a construção de *hipóteses*, no caso, a existência ou não de *imigrantes desejados e indesejados* no contexto das duas crises migratórias

A revisão bibliográfica e a pesquisa documental são os instrumentos de coleta de dados. São empregados dados oficiais disponibilizados pela UE a respeito da migração e

¹ Integram o bloco: Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chipre, Chéquia, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Espanha e Suécia (UNIÃO EUROPEIA, ONLINE).

refúgio, ofertados pela FRA - Agência da União Europeia para os Direitos Fundamentais, EUROSTAT - Gabinete de Estatísticas da União Europeia; pela ONU - Organização das Nações Unidas, através do UNHCR - Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Também são utilizados dados de *surveys* e pesquisa de opinião, realizados sobretudo pelo instituto oficial da UE, o Eurobarômetro e pelo IPSOS - *Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur* da França. Exposta a metodologia, avança-se para o marco teórico.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações - OIM (2022), a migração constitui-se do processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. As migrações englobam a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos (OIM, 2022).

Em linhas gerais, a principal divisão entre os indivíduos que migram refere-se a sua motivação, que pode ser sintetizada entre refugiados e imigrantes. Segundo a Convenção da ONU relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), os refugiados são as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam voltar para casa devido a ausência de proteção estatal.

Já os imigrantes escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões. Diferente dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo. Porém, ao contrário dos refugiados, os migrantes não contam com o suporte de nenhuma lei internacional, dependendo das legislações domésticas dos países que os acolhem (ACNUR, 2022).

Este contexto de dicotomia entre “imigrante” e “refugiado”, representa o que Figueiredo (2020) denomina como *categorias formais*, ou seja, denominações jurídicas que procuram empreender racionalidade e sistemática na análise da realidade. A autora (2020) coloca que no mundo globalizado, no qual os movimentos são múltiplos e heterogêneos, é necessário tanto levar em conta na análise das migrações internacionais: (i) o ponto de vista dos agentes envolvidos, bem como as percepções da origem e do destino; (ii) os marcadores raciais, sociais, culturais e de gênero, vinculados às sociedades de partida e de chegada. Com isso, a categoria “imigrante” não deve ser tratada como algo homogêneo, visto que as condições variam dependendo de “quem é”, “de onde vem” e “para onde vai” (FIGUEIREDO, 2020, p. 59). Esta complexidade agregada ao exame do fenômeno migratório, é classificada como *categorias sociais*.

Neste escopo, imigrantes de distintas nacionalidades frequentemente enfrentam diferentes desafios, ainda que tenham migrado para o mesmo país. A migração é marcada por estereótipos e imaginários sociais, que estão vinculados a contextos e realidades específicas. Sayad (1998), chama a atenção para o fato que os imigrantes, levam consigo em sua trajetória migratória, além de sua nacionalidade, sua religião, sua cor da pele, expectativas, sonhos, planos, sua cultura como um todo dentro de si. Nessa linha, Seyferth (2011), destaca a importância da dimensão cultural da imigração, indicando que nem sempre as teorias de migração contemplam as questões culturais.

O escopo dos elementos culturais e imaginários acerca dos migrantes, por sua vez, conectam-se com as identidades dos grupos que habitam os territórios. Pois será por meio das identidades, que os indivíduos e as sociedades geram significado para a realidade complexa (HALL, 2008). Connolly (2002, p. iv) coloca que “uma identidade é estabelecida em relação a uma série de diferenças que são reconhecidas socialmente. Essas diferenças são essenciais para o “eu ser”. Conseqüentemente, as identidades são relacionais: para existirem dependem, essencialmente, de uma outra oposta (WOODWARD, 2008).

Já a fundação das identidades é uma atividade constante e marcada pela disputa entre os diferentes atores sociais. Esta batalha ocorre no âmbito dos territórios, que se constituem no espaço privilegiado para a produção de identidades, subjetividades e simbolismo (HAESBAERT, 2011). Outrossim, a constituição de uma identidade social é sempre um ato de poder, pois ela só consegue se afirmar a partir da repressão daquilo que a ameaça (LACLAU, 1990). Dessa forma, os fluxos migratórios contribuem para acirrar esta luta pela afirmação e a hegemonia das identidades coletivas.

A disputa pelo domínio do simbólico, liga-se com a posição de poder dos grupos dominantes. Em outras palavras, imigrantes europeus e brancos podem receber tratamento mais adequado que seus pares africanos e árabes, ainda que ambos tenham decidido emigrar almejando melhores condições de vida (FIGUEIREDO, 2020). Isto ocorre por que, segundo a autora (2020, p. 61), “próprio ato de migrar é permeado de imaginários sociais distintos que estão vinculados aos contextos”.

A resposta para essa inquietação de distinções de tratamentos aos migrantes, é sintetizada nas categorias de *imigrantes desejados* e *imigrantes indesejados*. Para Figueiredo (2020), é imprescindível ignorar a percepção e a construção social frente aos migrantes. Em outras palavras, "há estigmas, estereótipos e expectativas em todos os encontros, vinculados muitas vezes ao imaginário da sociedade de destino em relação a imigrantes considerados desejados e indesejados" (FIGUEIREDO, 2020, p. 60)

Os *imigrantes desejados* são aqueles que, além de se enquadrarem nos vistos ofertados pelos Estados, também dispõem de capital financeiro, intelectual e/ou social. Já os *imigrantes indesejados*, caracterizados sobretudo como “migrantes econômicos” não qualificados que migram para buscar “melhores condições de vida”. Frequentemente se inserem nos níveis mais baixos dos mercados de trabalho, encaixando-se em situações de grande vulnerabilidade. Muitas vezes chegam ao país de destino de modo irregular, e geralmente se encontram à margem das sociedades anfitriãs.

3. Percepção e imaginário europeu sobre a imigração

3.1. Imigrantes e refugiados sírios e muçulmanos

No caso dos imigrantes sírios e muçulmanos, sentimentos anti-islâmicos possuem raízes profundas e históricas na Europa, que remetem à época das Cruzadas, disputas com o Império Turco Otomano, Neocolonialismo, etc (BELL; VALENTA; STRABAC, 2021). Contudo, a partir do 11 de Setembro, da Guerra ao Terror e do aumento significativo de ataques terroristas em solo europeu, a percepção negativa frente aos muçulmanos aumentou consideravelmente (MENDELSKI, 2020). Em seu estudo, Bell; Valenta e Strabac, (2021), avaliaram a evolução do sentimento anti-islâmico na Europa x o posicionamento da Europa Ocidental² e Oriental frente a imigração. Eles descobriram que as atitudes anti-muçulmanas possuem um valor maior que o posicionamento contra os imigrantes, tanto na Europa Ocidental quanto Oriental, durante o período de 1990 até 2017. Ademais, se por um lado o posicionamento anti-muçulmano e anti-imigração manteve-se relativamente estável na Europa Ocidental (média de 18% para o primeiro, e 12% para o segundo), na Europa Oriental, notou-se, a partir da metade dos anos 2000, um crescimento das atitudes contrárias aos dois grupos. Isso significa que a antipatia por islâmicos foi de 25% (1990) para 35% (2017), e o sentimento contra imigrantes passou de 22% para 37% no Leste Europeu. Os dados apontam ainda, que na Europa Oriental, a antipatia aos muçulmanos é cerca de duas vezes a taxa do Oeste Europeu, e aos imigrantes em geral, é aproximadamente três vezes maior.

² Formalmente, a Europa se divide em: Europa Central e Oriental (Albânia, Hungria, Polônia, Romênia, Bulgária, Bósnia e Herzegovina, Croácia, Estônia, Kosovo, Letônia, Lituânia, Macedônia do Norte, Eslováquia, Chéquia, Eslovênia, Sérvia e Montenegro); Norte da Europa (Finlândia, Islândia, Noruega, Dinamarca e Suécia);

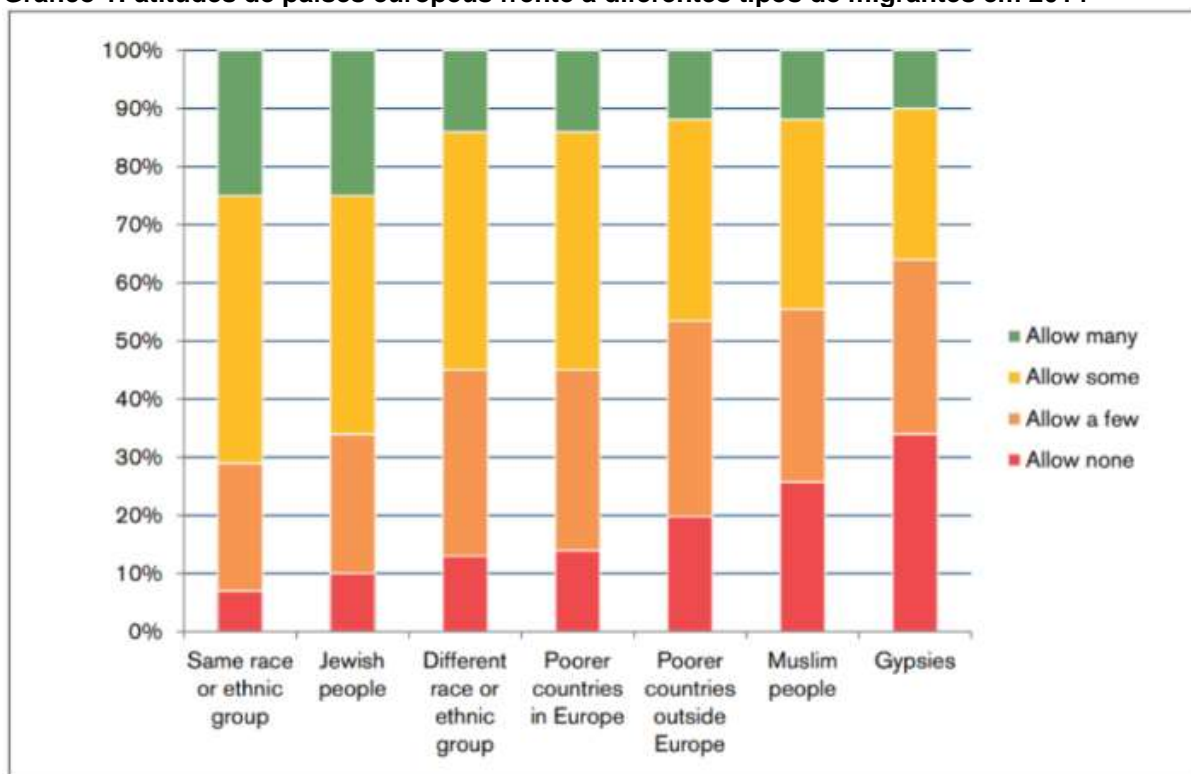
Sul da Europa (Grécia, Itália, Malta, Portugal, San Marino, Turquia, Santa Sé, Chipre e Espanha; Europa Ocidental (Alemanha, França, Irlanda, Liechtenstein, Luxemburgo, Andorra, Mônaco, Países Baixos, Reino Unido, Suíça, Áustria e Bélgica) e Cáucaso (Armênia, Azerbaijão e Geórgia) (EURO VOC, ONLINE).

Assim, os imigrantes muçulmanos enfrentam um duplo desafio na Europa: além de serem alvo do preconceito e da discriminação que existe em relação a todos os imigrantes não ocidentais, os imigrantes islâmicos também sofrem preconceitos, estereótipos e discriminações específicas por causa de sua religião (BELL; VALENTA; STRABAC, 2021). O estudo da Chatham House (2017), centra-se no ano de 2016, mas apresenta resultados semelhantes. Considerando a média dos países pesquisados, constata-se que 55% de seus nacionais desejam que a imigração advinda de Estados de maioria muçulmana seja interrompida. A taxa ficou acima dos 60% na Bélgica, França, Áustria e Hungria. E passou de 70% na Polônia. Visto a centralidade do questionamento frente a imigração islâmica, os dados apontam para uma significativa antipatia europeia frente a esse grupo.

A expressiva taxa de desacordo com a imigração muçulmana de países do Leste Europeu, também é observada no *survey* de 2017 da Pew Research Center. O estudo constatou que países do Sul e da Europa Oriental dispõem de visões mais negativas sobre os muçulmanos: Hungria 72%, Itália 69%, Polônia 66%, Grécia 65%. Já países do Norte e da Europa Ocidental, apresentam menos restrições aos islâmicos: Espanha 50%, Países Baixos 35%, Suécia 35%, França 29%, Alemanha 29% e Reino Unido 28% (LIPKA, 2017).

Mais do que isso, ressalta-se que a aversão aos muçulmanos dos referidos países, liga-se, a preferência por indivíduos do mesmo grupo étnico, conforme indica o European Social Survey (2016). O gráfico 1 destaca esse ponto, além de acrescentar outras categorias de migrantes:

Gráfico 1: atitudes de países europeus frente a diferentes tipos de migrantes em 2014



Fonte: Heath; Richards (2016)

Novamente, os dados apontam para uma clara predileção dos países europeus³ por migrantes de seu mesmo *background* étnico-racial, expresso no posicionamento de 70% dos entrevistados em permitir a entrada de muitos ou alguns migrantes com esta característica. Nível próximo é experimentado pelos judeus. Pessoas com diferentes raças-etnias e oriundos de países pobres europeus estão em uma posição intermediária, com um pouco mais de 50% dos entrevistados concordando com a admissão de muitos ou alguns migrantes. No outro lado do espectro, com mais de 50% dos entrevistados desejando impedir ou autorizar somente poucos migrantes, temos os indivíduos oriundos de nações pobres fora da Europa, muçulmanos e ciganos.

A divisão de preferência por determinados grupos migrantes parece ir de encontro com os conceitos de *imigrantes desejados* e *indesejados* (FIGUEIREDO, 2020). Os indivíduos mais bem aceitos são justamente aqueles identificados com o *Norte Global* (no presente estudo, a Europa), ou seja, brancos, europeus, cristãos ou judeus. Em contrapartida, os muçulmanos, ciganos e demais habitantes do *Sul Global*, são colocados como *imigrantes indesejados*. Conforme será discutido na próxima seção, nota-se que os ucranianos, de

³ Participaram do estudo, Israel e mais dezenove países europeus: Áustria, Bélgica, República Tcheca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Hungria, Irlanda, Israel, Lituânia, Países Baixos, Noruega, Polônia, Portugal, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido.

acordo com os dados acima, ainda que sejam oriundos de um país pobre, são identificados como *européus*, tanto em sentido *geográfico* quanto *étnico*, razão que potencialmente explica sua melhor aceitação que os sírios muçulmanos.

3.2 Imigrantes e refugiados ucranianos

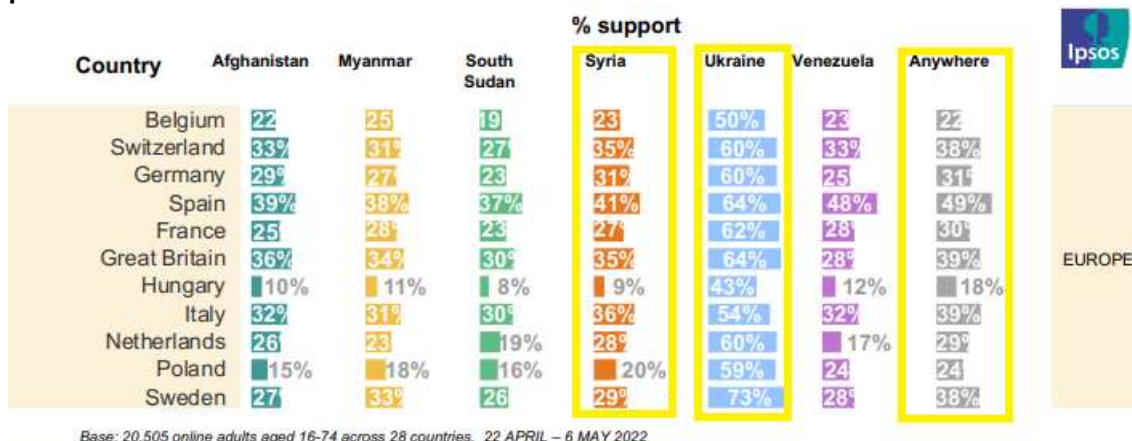
Em março de 2022, um estudo feito pela TGM (2022), mediu a disposição dos entrevistados para que o seu país acolhesse refugiados ucranianos. Considerando os países da UE, a porcentagem dos respondentes que concordou que sua nação devesse receber refugiados ucranianos foi de⁴: França: 57%, Alemanha: 70%, Hungria: 74%, Itália: 77%, Polônia: 81%, Romênia: 86% (TGM, 2022). Destaca-se que os Estados mais dispostos a receber refugiados ucranianos são países vizinhos e do Leste Europeu.

O *survey* realizado em maio de 2022 pelo Eurobarômetro (2022a) traz os dados a respeito da postura de todos os países da UE em relação ao acolhimento de refugiados ucranianos. Para a pergunta: “aprovação de ajuda humanitária para as pessoas afetadas pela Guerra da Ucrânia”, a concordância supera os 90% em todos os países. No questionamento “se a UE deveria acolher pessoas fugindo da guerra”, o índice reduz-se um pouco, mas ainda mantém-se acima dos 75% em todas as nações, com a média na UE em 88%. Ou seja, os dados mostram uma grande simpatia no acolhimento e apoio a refugiados ucranianos.

Em outubro de 2022, o *survey* da fundação alemã Bertelsmann Stiftung (2022), mostrou que o apoio a recepção em solo europeu de refugiados ucraniano continua alta. A média da UE foi de 81%, enquanto na Espanha 90%, Itália 84%, Alemanha 83%, Bélgica 79%, Países Baixos 79%, Polônia 77% e França 76%. Ainda que haja uma oscilação comparado ao números do *survey* feito em março (acréscimo na França e Alemanha, e queda na Polônia), o respaldo aos ucranianos que fogem da guerra ainda supera os 75% em todas as nações pesquisadas. Por fim, o instituto de pesquisa francês IPSOS, realizou um interessante estudo a respeito da disposição dos países em acolher refugiados de diferentes nações:

⁴ Porcentagem dos entrevistados que responderam “definitivamente sim” e “sim” (TGM, 2022).

Gráfico 2: até que ponto você apoiaria ou se oporia a permitir mais refugiados dos seguintes países?



Fonte: IPSOS (2022)

Os números evidenciam as preferências étnico-geográficas das nações europeias por refugiados europeus brancos, advindos de países de maioria Cristã. Considerando a porcentagem de apoio aos refugiados ucranianos, constata-se que ela é significativamente maior à dos refugiados sírios. Inclusive na maioria dos Estados, ela é superior ao dobro do suporte aos sírios. Com exceção da Hungria, nos demais dez países, o apoio oscila entre 50% - 73%. Já para os sírios, fica entre 9% - 41%, permanecendo em uma média de suporte de 28,5%, frente a 59% de apoio para refugiados ucranianos.

Este recorte de opinião pública, sustenta o entendimento de autores como Sayad (1998) que afirmam existir diferentes classes de migrantes dentro das mesmas condições jurídicas. Ou seja, questões como nacionalidade, religião, etnia, língua, contribuem para o desenvolvimento de categorias sociais de imigrantes *desejados* e *indesejados* (FIGUEIREDO, 2020).

Também é interessante comparar os dados com a aceitação a refugiados estrangeiros sem identificação de nacionalidade, dentro da ideia de preferências dos europeus por certos grupos. Em outras palavras, a antipatia aos sírios pode ser observada a partir da predileção dos europeus por refugiados sem especificidade de nacionalidade. Exceto pela Bélgica, todos os outros Estados mostram inclinação por acolher refugiados de países não definidos, ao contrário de sírios.

A predileção dos europeus por ucranianos igualmente é evidenciada na comparação com os índices de aceitação aos refugiados sem identificação de nacionalidade. Na maioria dos países a taxa de apoio a refugiados ucranianos é superior ao dobro daqueles sem nacionalidade definida. Na média, o apoio aos refugiados estrangeiros de países não definidos, ainda que superior aos dos sírios (23,5%), é marcadamente inferior ao dos refugiados ucranianos (59%). Ou seja, trata-se de mais um indício de uma hierarquização de

grupos de refugiados considerados aceitáveis pelos europeus. Situação em linha com as ideias de Sayad (1998, p. 241, tradução livre), que sustenta que o "imigrante, traz sempre consigo a marca do estatuto e da posição atribuídos a seu país na escala internacional dos estatutos e das posições políticas, econômicas, culturais, etc".

4 A crise de refugiados de 2015 e 2022 na Europa

4.1 O fluxo de sírios para a Europa em 2015

Entre os anos de 2015 e 2016, a Europa testemunhou, até então, a maior crise de refugiados desde a 2ª Guerra Mundial (THE ATLANTIC, 2015). Segundo o Eurostat (2017), em 2015 a UE recebeu cerca de 1,216 milhão de solicitações de asilo, e em 2016, aproximadamente 1,166 milhão. Em apenas dois anos (2015-16), houve mais aplicações para asilo que durante os sete anos anteriores somados (2008-14) (EUROSTAT, 2017).

Além do expressivo contingente populacional, chama a atenção as nacionalidades e o contexto no qual estão inseridos esses indivíduos. Em 2015, mais da metade de todos os refugiados provinham de três nações: Síria (29%), Afeganistão (14%) e Iraque (10%) (EUROSTAT, 2016). Os três países do Oriente Médio enfrentavam situações de guerra civil e crises humanitárias, em conflitos que foram desencadeados ou que contaram com decisiva participação das potências europeias. A lista de nacionalidades que mais solicitaram refúgio segue com Kosovo (5%), Albânia (5%), Paquistão (4%), Eritreia (3%), Nigéria (2%), Irã (2%), e outras nacionalidades (26%) (EUROSTAT, 2016).

Os dados mostram que cerca de 3/4 dos refugiados advém de países de maioria muçulmana, situados no Oriente Médio, Balcãs e África. Especificamente, destacam-se os contingentes de sírios, com 29% das demandas de solicitação de refúgio.

Contudo, a postura inoperante da UE frente ao desafio foi fortemente criticada por instituições de defesa dos direitos humanos, como a Human Rights Watch (2016) e a Anistia Internacional (2015a). Uma alternativa desempenhada pelos países europeus no contexto do fluxo migratório, foi a construção de cercas, muros e centros de triagem. De acordo com a FRA (2020), antes de 2015, apenas a Espanha, a Grécia e a Bulgária tinham vedações em partes das suas fronteiras terrestres externas. Até 2020, nove Estados-Membros da UE tinham erguido cercas nas fronteiras para prevenir a migração, a um custo, somente em 2015, de €238 milhões (FRA, 2020; GULINA, 2022). Abaixo seguem os dados acerca de muros e cercas nas fronteiras externas da UE, com destaque para os países que integraram as principais rotas dos fluxos migratórios em 2015 e 2017 (FRA, 2020):

- 1) Fronteira entre Bulgária e Turquia. 235 km. Ano: 2014-17

- 2) Fronteira entre Eslovênia e Croácia. 198 km. Ano: 2015; 2019; 2020
- 3) Fronteira entre Grécia e Macedônia do Norte. 37 km. Ano: 2015; 2016
- 4) Fronteira entre Hungria e Sérvia. 158 km. Ano: 2015; 2017
- 5) Fronteira entre Hungria e Croácia. 131 km. Ano: 2015

Para a Anistia Internacional (2015b), o cercamento das fronteiras da UE, negaram aos refugiados o acesso ao asilo, expuseram refugiados e migrantes a maus-tratos e levaram as pessoas a fazer viagens marítimas com risco de vida. De acordo com John Dalhuisen, diretor da Anistia Internacional “as crescentes cercas ao longo das fronteiras da Europa apenas consolidaram as violações de direitos e exacerbaram os desafios de administrar os fluxos de refugiados de maneira humana e ordenada” (2015b, p.1, tradução livre).

Conjuntamente com novas barreiras na fronteira, muitos países europeus no auge da crise de refugiados de 2015-16, também efetuaram prisões e deportações sumárias. Somente na fronteira entre Grécia e Turquia, foram detidos por Atenas na primeira metade de 2015, cerca de 175 mil sírios (2015). Além disso, organizações de defesa dos direitos humanos denunciaram que alguns países europeus, como a Hungria, encarceraram refugiados sírios em centros de detenções em condições precárias. Para a Human Rights Watch (2015, p. 1, tradução livre), os refugiados que chegam a cidade húngara de Roszke, junto à fronteira com a Sérvia, são mantidos em centros de detenção que apresentam “condições imundas e superlotadas, com fome e sem atendimento médico”.

Ademais, em março de 2016, a União Europeia e a Turquia assinaram um acordo para restringir o fluxo migratório (sobretudo de sírios) que transcorria entre o país euro-asiático e o velho continente. O compromisso previa que todos os novos migrantes irregulares e requerentes de asilo que chegam da Turquia à Grécia, e cujos pedidos de asilo tenham sido declarados inadmissíveis, deveriam ser devolvidos à Turquia. Em troca, Ancara receberia €6 bilhões auxiliar na gestão dos refugiados hospedados no país, e cidadãos turcos teriam isenção de visto para viajar para a Europa e, uma vez que o número de chegadas irregulares caísse, um esquema humanitário “voluntário” para transferir sírios da Turquia para outros países europeus seria ativado (PARLAMENTO EUROPEU, 2022).

Contudo, para a Anistia Internacional (2017), o acordo se revelou um grande fracasso, visto que a Turquia não se mostrou um local adequado para a recepção dos refugiados. Além disso, todos os pedidos de asilo tiveram que ser avaliados na Grécia e os refugiados foram encurralados nas ilhas gregas em condições precárias e inseguras. Neste contexto, não se estranha que o número de asilos concedidos em 2015 para sírios tenha ficado abaixo dos 50%. A tabela a seguir mostra os países da UE que mais acolheram as três nacionalidades líderes em pedidos refúgio em 2015 (com destaque para os sírios):

Tabela 1: principais cidadanias que receberam status de proteção na UE em 2015

	Nacionalidade mais acolhida			2ª nacionalidade mais acolhida			3ª nacionalidade mais acolhida		
	País	Número	%	País	Número	%	País	Número	%
União Europeia	Síria	166.055	49.8	Eritreia	27.575	8.3	Iraque	23.685	7.1
Alemanha	Síria	103.975	70.2	Iraque	15.470	10.4	Eritreia	9.455	6.4
Austria	Síria	8.255	46.5	Afeganistão	3.630	20.4	Sem nacionalidade	1.895	11.1
Bélgica	Síria	3.680	33.8	Afeganistão	995	9.1	Iraque	970	8.9
Bulgária	Síria	5.320	95.0	Iraque	160	2.9	Sem nacionalidade	95	1.7
Chéquia	Ucrânia	170	37.3	Síria	130	28.4	Cuba	55	11.7
Chipre	Síria	1.600	85.5	Iraque	65	3.6	Sem nacionalidade	60	3.2
Croácia	Turquia	5	11.9	Nigéria	5	11.9	Azerbaijão	5	11.9
Dinamarca	Síria	5.750	56.4	Eritreia	2.895	28.4	Sem nacionalidade	870	8.5
Eslováquia	Ucrânia	15	18.8	Iraque	15	16.3	Síria	10	13.8
Eslovênia	Irã	20	38.0	Síria	15	28.0	Somália	5	14.0
Espanha	Síria	655	63.8	Somália	110	10.7	Paquistão	60	5.8
Estônia	Ucrânia	60	75.6	Sudão	15	6.7	-	-	-
Finlândia	Iraque	640	35.8	Somália	480	26.7	Síria	135	7.5
França	Síria	3.210	12.3	Iraque	2.760	10.6	Rússia	1.800	6.9
Grécia	Síria	3.160	3.8	Afeganistão	800	13.6	Iraque	370	6.3
Hungria	Síria	170	31.3	Afeganistão	100	17.9	Somália	75	13.3
Irlanda	Afeganistão	85	12.3	Rep. Dem. do Congo	85	12.0	Paquistão	55	7.6
Itália	Nigéria	3.745	12.6	Paquistão	3.500	11.8	Afeganistão	3.280	11.1
Letônia	Síria	15	44.8	Afeganistão	10	27.6	Iraque	5	17.2
Lituânia	Ucrânia	25	31.0	Iraque	20	23.8	Afeganistão	15	15.5
Luxemburgo	Síria	80	37.6	Eritreia	30	14.3	Iraque	20	9.5
Malta	Líbia	785	59.3	Síria	280	21.3	Eritreia	60	4.5
Países Baixos	Síria	7.975	46.8	Eritreia	4.930	28.9	Sem nacionalidade	1.895	11.1
Polônia	Rússia	240	34.6	Síria	205	29.7	Iraque	50	6.9
Portugal	Ucrânia	115	60.6	Serra Leoa	10	5.7	Somália	10	4.1
Romênia	Síria	335	63.9	Iraque	65	12.4	Afeganistão	30	5.7
Suécia	Síria	18.655	54.1	Eritreia	6.610	19.2	Sem nacionalidade	3.330	9.7

Fonte: EUROSTAT (2016, grifos nossos)

Constata-se a grande concentração de refugiados sírios na Alemanha, com cerca de 62,5% do total. Após, aparece a Suécia com 11,25% de sírios, seguida da Áustria com 5%. Isso indica que mais de três quartos do contingente de sírios (78%), concentrou-se em apenas três países. Contudo, um dado muito relevante refere-se à porcentagem de aprovação dos pedidos de refúgio dos sírios em 2015. Das cerca de 369.871 solicitações, foram autorizadas

somente 166.055, ou seja, apenas 43,72% dos pedidos. Expostas as informações sobre o refúgio dos sírios na Europa, abaixo é discutido o caso ucraniano.

4.2 O fluxo de ucranianos para a Europa em 2022

O início da invasão russa na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, desencadeou o maior fluxo migratório e de refugiados para a Europa desde a 2ª Guerra Mundial (THE ATLANTIC, 2022). De acordo com o UNHCR, desde o começo da guerra até o dia 29 de novembro de 2022, cerca de 7.891.977 milhões de ucranianos deixaram o país (UNHCR, ONLINE).

Contudo, houve em termos legais uma diferença significativa na abordagem da UE no caso das duas ondas de refugiados. Desde o início do fluxo massivo de ucranianos, os governos europeus abriram as suas fronteiras, sobretudo as nações vizinhas à Kiev (Ucrânia, Polônia, Eslováquia, Hungria, Romênia e Moldávia), e os cidadãos locais adotaram a postura de acolher esses indivíduos (VENTURI, VALLIANATOU, 2022; ZHOU, NAREA, ANIMASHAUN, 2022). Na cidade polonesa de Przemysl, próximo da fronteira com a Ucrânia, “dezenas de voluntários poloneses fornecem aos refugiados ucranianos comida, água, roupas, telefones com planos pré-pagos, acomodação, aconselhamento jurídico” (THE GUARDIAN, 2022, p. 1, tradução livre).

Além disso, ao contrário da crise de 2015, cerca de uma semana após a eclosão do conflito na Ucrânia, a UE adotou, pela primeira vez, o *Temporary Protection Directive* (COMISSÃO EUROPEIA, 2022). A “Proteção Temporária” constitui-se de medida excepcional, prevista no arcabouço legal do bloco e que objetiva fornecer instruções e orientações aos países membros em sua gestão dos refugiados, bem como assegurar a rápida garantia dos direitos dos refugiados (COMISSÃO EUROPEIA, 2022).

A “Proteção Temporária” aplica-se automaticamente a todos os ucranianos que deixaram o país em virtude da guerra. Isto significa que todos aqueles que fogem da Ucrânia, dispõem imediatamente (sem a necessidade de análise de pedidos formais de asilo), de acesso a direitos harmonizados em toda a UE por três anos – incluindo o direito de permanecer de um a três anos em um Estado membro do bloco, de moradia, assistência médica e acesso ao mercado de trabalho e educação (COMISSÃO EUROPEIA, 2022; VENTURI, VALLIANATOU, 2022). A medida foi saudada pelo UNHCR, que afirmou que a “Proteção Temporária” será fundamental para a garantia do cumprimento dos direitos dos refugiados ucranianos (UNHCR, 2022).

A tabela abaixo apresenta os principais destinos dos ucranianos, destacando a salvaguarda da Proteção Temporária:

Tabela 2: destino dos refugiados ucranianos em relação a UE e Rússia

País	Data	Refugiados ucranianos sob Proteção Temporária ou com mecanismos nacionais similares	Refugiados ucranianos registrados
Alemanha	22.11.2022	1.021.667	1.021.667
Austria	29.11.2022	88.748	88.748
Bélgica	29.11.2022	61.466	62.181
Bulgária	29.11.2022	146.659	51.146
Chéquia	29.11.2022	454.701	464.910
Chipre	15.11.2022	18.287	14.336
Croácia	29.11.2022	19.259	19.259
Dinamarca	15.11.2022	34.495	36.893
Eslováquia	29.11.2022	102.278	102.476
Eslovênia	29.11.2022	8.234	8.655
Espanha	27.11.2022	155.473	155.473
Estônia	15.11.2022	38.729	62.239
Finlândia	15.11.2022	43.807	38.588
França	31.10.2022	118.994	118.994
Grécia	08.11.2022	19.997	19.977
Hungria	29.11.2022	32.271	32.271
Irlanda	22.11.2022	1.766	1.766
Itália	29.11.2022	165.401	173.231
Letônia	15.11.2022	42.802	35.283
Lituânia	22.11.2022	70.677	70.677
Luxemburgo	25.11.2022	6.756	6.756
Malta	07.11.2022	1.541	1.603
Países Baixos	30.09.2022	79.250	79.250
Polónia	29.11.2022	1.521.085	1.521.085
Portugal	03.10.2022	52.875	52.970
Romênia	29.11.2022	90.348	94.526
Rússia	03.10.2022	Não se aplica	2.852.395
Suécia	15.11.2022	48.360	48.360

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados de UNHCR, ONLINE.

Iniciando pelos países vizinhos da Ucrânia, nota-se o elevado número de ucranianos que foram beneficiados pela Proteção Temporária. Também se destaca, ao contrário do que pode indicar o senso comum, o expressivo número de refugiados ucranianos acolhidos pela Rússia. Moscou configura-se como a nação que mais recebeu ucranianos no contexto do conflito.

Outrossim, chama a atenção, mais uma vez, a avançada taxa de concessão da Proteção Temporária: cerca de 91% dos ucranianos que ingressaram nos territórios da UE receberam a salvaguarda. Também é importante mencionar, que, fora os países limítrofes da

Ucrânia, a Alemanha, assim como no caso sírio, aparece como destino preferencial dos refugiados ucranianos. Ainda comparando os fluxos de refugiados, observa-se que o contingente ucraniano encontra-se muito mais disperso nas nações europeias do que os sírios.

5. Discussão dos resultados: a postura da UE frente às duas crises migratórias

Antes de iniciar a discussão sobre os resultados da pesquisa é necessário apontar algumas limitações do estudo. A primeira refere-se à extensão dos objetos de estudo. Ainda que as crises migratórias de 2015 e 2022 tenham apresentado os maiores contingentes populacionais recebidos na Europa desde a 2ª Guerra Mundial, o número de refugiados ucranianos é expressivamente maior do que o de sírios.

Além disso, o fator chave para as referidas crises de refugiados, ocorreu em regiões distintas. Em outras palavras, enquanto a Guerra Civil da Síria aconteceu no país médio-oriental, a Guerra da Ucrânia ocorreu no Leste Europeu. Dessa forma, assim como no caso ucraniano, no qual 66% dos refugiados encontram-se nos países vizinhos, a maioria dos refugiados sírios concentrou-se nas nações próximas (95% estão na Turquia, Egito, Líbano, Jordânia e Iraque (UNHCR, ONLINE; ANISTIA INTERNACIONAL 2015a).

Feita essas duas ponderações, pode-se avançar para a análise dos resultados. Os dados mostraram que o comportamento da UE foi muito distinto frente aos dois fluxos migratórios. Uma evidência dessa postura refere-se ao número de refúgios concedidos: 91% para os ucranianos x 43% para os sírios. Outro elemento que apoia esse argumento, remete às próprias respostas institucionais do bloco europeu frente às crises migratórias. Se por um lado houve uma política de fronteiras abertas e de concessão automática de Proteção Temporária aos ucranianos, por outro, a UE esforçou-se em restringir a chegada de sírios à Europa (acordo com a Turquia), e silenciou-se frente a construção de cercas, barreiras e centros de detenção aos refugiados sírios.

Esta dupla política pode ser interpretada à luz das questões identitárias dos países europeus. A chegada de fluxos de imigrantes e refugiados sírios e muçulmanos (ainda que em número rigorosamente inferior aos ucranianos), foi vista como uma ameaça à segurança e à identidade europeia secular-cristã por muitos líderes do continente, especialmente pelos Estados do Leste Europeu, como Hungria, Polônia, Eslováquia, Chéquia (BUSINESS INSIDER, 2015; THAROOR, 2015; BBC, 2015; MENDELSKI, 2020).

Neste contexto de desconfiança de parte das lideranças europeias, o número sem precedentes de barreiras e cercas construídas para impedir o acesso ao território da UE de imigrantes e refugiados sírios e muçulmanos, somado a decisão do bloco de pagar para um

terceiro país (Turquia) reter os migrantes, parece indicar a percepção da UE dos sírios como *imigrantes indesejados*. É manifestado e executado o desejo de controle físico e simbólico do território da UE, da expulsão dos muçulmanos, daqueles, historicamente, construídos como opostos ao europeu crítico-civilizado. Este ponto fica claro, justamente a partir da comparação com o conjunto de incentivos e benefícios concedidos aos refugiados ucranianos, da política de fronteiras abertas, aos *imigrantes desejados*.

Os dados expostos pelos *surveys* ajudam na compreensão da constituição dessas categorias migratórias. Conforme indicado nos gráficos 1 e 2, a aceitação de imigrantes e refugiados está intimamente ligada à etnia e à religião, ou seja à identidade. Há uma hierarquia de preferências: os *desejados* são aqueles identificados como brancos, europeus e cristão ou judeus, os ucranianos. Posteriormente, em um categoria intermediária, há os pertencentes a diferentes raças-ethnias e oriundos de países pobres europeus. Por fim, existem os *indesejados*, ou seja, pessoas advindas de nações pobres fora da Europa, muçulmanos e ciganos. Aqui situam-se os sírios, cidadãos de maioria muçulmana que fogem de um país assolado pela guerra e pela miséria.

Os dados empíricos do número total de refugiados aceitos pelos países membros da UE parecem confirmar a hipótese de *imigrantes desejados* e *indesejados*. Contudo, o Leste Europeu mostrou-se menos simpático ao acolhimento de refugiados sírios do que a Europa Ocidental. No Leste Europeu, observou-se uma relação entre a percepção da opinião pública sobre os grupos migratórios e o seu acolhimento pelos Estados. Nesta região, os *surveys* indicaram que os refugiados sírios e muçulmanos eram percebidos como *indesejados*. Considerando os dados⁵ sobre a Polónia e Hungria, têm-se que o grupo citado era considerado bem-vindo por apenas 27% dos poloneses e 22% dos húngaros. Ambos os países estão entre os que menos receberam sírios em 2015. A tabela 4, apresenta as informações acerca dos maiores e menores receptores de refugiados sírios e ucranianos:

⁵ Realizou-se uma média entre os resultados das pesquisas de opinião sobre imigrantes e refugiados sírios e muçulmanos para a Polónia e a Hungria.

Tabela 3: maiores e menores receptores de refugiados sírios (2015) e ucranianos (2022) da UE⁶

Maiores receptores de sírios	Menores receptores de sírios	Maiores receptores de ucranianos	Menores receptores de ucranianos
Alemanha 103.695 - (62%)	Eslováquia 10 - (0,0027%)	Polônia 1.521.065 - (19%)	Malta 1.603 - (0,02%)
Suécia 18.655 - (11%)	Letônia 15 - (0,0040%)	Alemanha 1.021.667 - (13%)	Luxemburgo 6.756 - (0,085%)
Áustria 8.255 - (5%)	Eslovênia 15 - (0,0040%)	Rep. Chéquia 464.910 - (6%)	Eslovênia 8.655 - (0,10%)
Países Baixos 7.975 - (2,15%)	Luxemburgo 80 - 0,021%	Itália 173.231 - (2,20%)	Chipre 14.336 - (0,18%)
Dinamarca 5.750 - (1,50%)	Rep. Chéquia 130 - (0,035%)	Espanha 155.473 - (2,19%)	Croácia 19.259 - (0,24%)
Bulgária 5.230 - (1,41%)	Polônia 205 - (0,05%)	França 118.994 - (1,50%)	Grécia 19.997 - (0,25%)
Bélgica 3.680 - (1%)	Hungria 270 - (0,07%)	Eslováquia 102.476 - (1,29%)	Hungria 32.271 - (0,40%)

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados de UNHCR (ONLINE) e EUROSTAT (2016).

Chama a atenção que, com exceção de Luxemburgo, todas as demais nações que menos acolheram sírios situam-se na Europa Oriental. Ou seja, empiricamente, se confirma os achados de estudos anteriores de que a porção oriental da Europa é menos favorável a imigrantes e refugiados muçulmanos do que o lado ocidental. Outro elemento que se destaca é o número absoluto de refugiados sírios recebidos: os sete países juntos receberam cerca de 725 indivíduos, número extremamente baixo, mesmo se considerarmos nações de população reduzida.

Na Europa Ocidental, tem-se o contrário: todos países que mais receberam refugiados sírios pertencem a essa região. Ademais, também constatou-se uma relação entre apoio da opinião pública e acolhimento de refugiados: os países líderes neste item, também foram aqueles nos quais a população mais se mostrou favorável aos refugiados sírios e muçulmanos, com uma média⁷ de 47,92% concordância. Destaca-se a postura da Alemanha, que sozinha, recebeu cerca de 62% de todos os refugiados sírios em 2015.

Entretanto, há uma diferença considerável entre o nível de aceitação popular de refugiados sírios e ucranianos no âmbito dos países líderes neste quesito. Enquanto no caso dos sírios, a média foi de 47,92%, para os ucranianos, o número chega a 77,7⁸%. Em outras

⁶Considerou-se os sete maiores receptores e os sete menores receptores de refugiados sírios e ucranianos. Isto em razão da definição do critério de acolher ao menos 1% do total de refugiados.

⁷ Média entre os resultados das pesquisas de opinião sobre imigrantes e refugiados sírios e muçulmanos para a Alemanha, França, Países Baixos, Suécia, Áustria e Bélgica.

⁸ Média entre os resultados das pesquisas de opinião sobre imigrantes e refugiados ucranianos para a Alemanha, Itália, Espanha, Polônia, Chéquia, França, Eslováquia.

palavras, mesmo entre as nações mais dispostas a receber refugiados, existe uma clara preferência por ucranianos, situados como *desejados*.

Colocando a discussão no âmbito das regiões, novamente, há destaque para os países da Europa Ocidental (Alemanha, Itália e Espanha). Também cabe mencionar que as nações que mais acolheram refugiados ucranianos e sírios são aquelas de grandes populações (mais de 10 milhões de habitantes), com exceção de Bulgária (no caso dos sírios) e Eslovênia (ucranianos).

Outrossim, também há a presença de países vizinhos da Ucrânia no rol de maiores receptores de ucranianos: Polônia, Chéquia e Eslováquia. Constatou-se, que estes três Estados, também foram os que menos acolheram refugiados sírios. Este fato também parece apontar para a corroboração de que os sírios são *imigrantes indesejados* para boa parte dos países do Leste Europeu, ao passo que os ucranianos, *brancos, cristãos* e europeus, são qualificados como *imigrantes desejados*.

Já entre as nações da UE que menos receberam ucranianos, não se confirmou a relação entre opinião pública e número de refugiados acolhidos. Entre os países que menos hospedaram ucranianos, a média de posições simpáticas a essa nacionalidade foi de 88,28⁹%. Duas ponderações nesse sentido podem ser feitas. Primeiramente, trata-se de nações pequenas (menos de 10 milhões de habitantes), que tendem a receber um número reduzido de imigrantes e refugiados, comparado com países de grandes populações. Assim, não parece ser coincidência, que quase a metade deles (Luxemburgo, Eslováquia e Hungria), tenham sido os que menos acolheram tanto sírios quanto ucranianos.

6. Apontamentos finais

O presente trabalho investigou a postura da UE frente aos fluxos de refugiados sírios (2015) e ucranianos (2022) em solo europeu. A pesquisa orientou-se pelo seguinte problema: “há diferença de tratamento dos países da União Europeia frente a onda de refugiados sírio (2015) e ucranianos (2022)? A análise e os dados apontam para que sim. Enquanto os primeiros experimentaram restrições e entraves na chegada ao velho continente e uma baixa acolhida como refugiados, os segundos vivenciaram uma política de fronteiras abertas e concessão automática de asilo.

Ademais, os dados dos *surveys* sobre preferências migratórias, relacionados com os números acerca do recebimento de sírios e ucranianos, sugerem a confirmação da hipótese

⁹ Média entre os resultados das pesquisas de opinião sobre imigrantes e refugiados ucranianos para a Hungria, Malta, Eslováquia, Chipre, Grécia, Croácia, Luxemburgo.

da existência de duas categorias distintas: *imigrantes indesejados* e *desejados*. A notável diferença no tratamento concedido a sírios e a ucranianos, aproxima os primeiros ao conceito de *indesejados*: percebidos como muçulmanos incivilizados e diferentes do “eu” europeu secular-cristão. Já os ucranianos, são vistos como parte da Europa: brancos, civilizados e cristãos, ou seja, *desejados*. A histórica relação de antagonismo identitário entre europeus e árabes-muçulmanos, é uma das chaves para a compreensão desse processo de diferenciação.

Destaca-se que será a partir desse processo de distinção, evidenciado pelas pesquisas de opinião, que ocorrerá, institucionalmente, pela UE, uma solidariedade seletiva. Ainda que sírios e ucranianos fujam de contextos de guerra, os primeiros enfrentam dificuldades e hostilidades inexistentes para os segundos, quanto se trata da garantia dos direitos dos migrantes e refugiados.

Os dados indicam também que há diferenças significativas na postura das nações europeias. De modo geral, constatou-se que os países da Europa Ocidental (sobretudo os mais populosos) mostraram-se mais solidários no que se refere ao acolhimento de refugiados, sejam sírios ou ucranianos (sobretudo a Alemanha, que recebeu mais da metade dos refugiados sírios), ao contrário dos Estados do Leste Europeu. Estes últimos, apresentaram uma clara preferência por indivíduos percebidos como do seu mesmo *background* étnico-cultural, ou seja, pelos ucranianos.

Por fim, esta solidariedade seletiva da UE contribui para o enfraquecimento de seu prestígio e liderança como defensora e propulsora dos direitos humanos. Com a significativa exceção da ação pró-imigração da Alemanha, o bloco parece cada vez mais ceder aos discursos e práticas xenófobas, racistas e nacionalistas, que separam os indivíduos em hierarquias. Estas classificações, que no caso das duas ondas de refugiados, operam pela ótica de *imigrantes desejados* (ucranianos) e *indesejados* (sírios), sustentam e legitimam que certos grupos de indivíduos sejam merecedores de direitos, em detrimento de outros.

7. Referências

ACNUR - Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas. Apresenta informações sobre o refúgio no mundo. 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio>

_____. *Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados 1951*. Disponível em:

https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf

ANISTIA INTERNACIONAL. Syria's refugee crisis in numbers. 4 de setembro de 2015a. _____ . Refugees endangered and dying due to EU reliance on fences and gatekeepers. 17 de novembro de 2015b. _____ . The EU-Turkey deal: Europe's year of shame. 2017.

BBC. Migrants crisis: Slovakia 'will only accept Christians'. 19 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-33986738>

BELL, D.A., VALENTA, M.; STRABAC, Z. A comparative analysis of changes in anti-immigrant and anti-Muslim attitudes in Europe: 1990–2017. *CMS*, 9, 57, 2021.

BUSINESS INSIDER. Czech President: 'We are facing an organised invasion and not a spontaneous movement of refugees'. Business Insider, 27 de dezembro de 2015.

CALAMUR, Krishnadev. The Refugee Crisis: The View From Turkey. *The Atlantic*. 15 de outubro de 2015.

COMISSÃO EUROPEIA. Migration and Home Affairs. Common European Asylum System. 2022.

CONNOLLY, William E. *Identity, difference: Democratic negotiations of political paradox*. University of Minnesota Press, 2002.

DEMPSTER, Helen; HARGRAVE, Karen. Understanding public attitudes towards refugees and migrants. London: *Overseas Development Institute & Chatham House*, 2017.

DENNISON, James; DRAŽANOVÁ, Lenka. Public attitudes on migration: rethinking how people perceive migration: an analysis of existing opinion polls in the Euro-Mediterranean region. *European University Institute*, 2018. Disponível em: https://cadmus.eui.eu/bitstream/handle/1814/62348/MPC_OPAM_Public_attitudes_on_migration_study.pdf?sequence=1

DE VRIES, Catherine E.; HOFFMANN, Isabell. Under pressure: The war in Ukraine and European public opinion. *Bertelsmann Stiftung Foundation*, 2022. Disponível: <https://eupinions.eu/de/text/under-pressure>

ECRI – EUROPEAN COMMISSION AGAINST RACISM AND INTOLERANCE. General Policy Recommendation No. 5 (revised) on preventing and combating anti-Muslim racism and discrimination [online]. Estrasburgo: ECRI, 2022.

EUROBAROTOMETRO. Public opinion on the war in Ukraine. 06 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/files/be-heard/eurobarometer/2022/public-opinion-on-the-war-in-ukraine/en-public-opinion-on-the-war-in-ukraine-20220506.pdf>

_____. Standard Eurobarometer 97 - Summer 2022 - The EU's response to the war in Ukraine - Report. Disponível em: <https://europa.eu/eurobarometer/surveys/detail/2693>

EUROSTAT. Asylum decisions in the EU: EU Member States granted protection to more than 700 000 asylum seekers in 2016. Press release. 26 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.europeanmigrationlaw.eu/documents/Eurostat-AsylumDecisions-2016.pdf>

_____. Asylum decisions in the EU. EU Member States granted protection to more than 330 000 asylum seekers in 2015. Press release. 26 de abril de 2016. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7233417/3-20042016-AP-EN.pdf/34c4f5af-eb93-4ecd-984c-577a5271c8c5>

FIGUEIREDO, J. *Novos fluxos de imigrantes para o Sul do Brasil: O caso dos senegaleses em Porto Alegre*. 2020. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

FRA - European Union Agency for Fundamental Rights. Migration: Fundamental Rights Issues at Land Borders. Report. 2020.

GULINA, O. Fences on the border can't be Europe's future. *Institute on Migration Policy 2020*
HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.]

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T et al (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

HEATH, Anthony; RICHARDS, Lindsay. Attitudes towards immigration and their antecedents: Topline results from round 7 of the European social survey. *ESS Topline Results Series*, v. 7, n. 7, p. 1-16, 2016.

HUMAN RIGHTS WATCH. EU Policies Put Refugees At Risk An Agenda to Restore Protection. 23 de novembro de 2016.

IPSOS - WORLD REFUGEE DAY. Global attitudes towards hosting refugees. Jun. de 2022.

LACLAU, Ernesto. *New reflections on the revolution of our time*. Verso Trade, 1990.

LANDMAN, T. *Issues and methods in comparative politics: an introduction*. New York: Routledge, 2003.

LAPATINA, Anastasia. Here at the Polish-Ukrainian border, I see nothing but humanity towards refugees. *The Guardian*. 06 de março de 2022.

LIPKA, Michael. Muslims and Islam: Key findings in the US and around the world. Pew Research Center, 2017.

MENDELSKI, Bruno. The rhetoric of Hungarian premier Victor Orban: Inside X outside in the context of immigration crisis. *The Palgrave Handbook of Ethnicity*, p. 1-24, 2019.

OIM - Organização Internacional para Migrações. Apresenta informações sobre a migração internacional. 2022 Disponível em: <https://www.iom.int/about-migration>

PARLAMENTO EUROPEU. Legislative Train Schedule. EU-Turkey Statement & Action Plan. 2022.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 26, n. 77, p.47-62, out. 2011.

THAROOR, Ishaan. Polish foreign minister suggests turning Syrian refugees into an army. *Washington Post*. 16 de novembro de 2015.

TGM Research. *War in Ukraine Results of the survey by TGM Research Interactive report*, março de 2022.

UNHCR - United Nations High Commissioner for Refugees. Operational Data Portal - Ukraine Refugee Situation. 2022. Disponível em: <https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine>

VENTURI, Emily; VALLIANATOU, Anna. Ukraine exposes Europe's double standards for refugees. Chatham House. 30 de março de 2022.

VIERLINGER, Julian. UN: Ukraine refugee crisis is Europe's biggest since WWII. *The Atlantic*. 20 de abril de 2022.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) et al. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZHOU, Youyou; NAREA, Nicole; ANIMASHAUN, Christina. Europe's embrace of Ukrainian refugees, explained in six charts and one map. *Vox*, 19 mar. 2022.